

IV ENCONTRO INTERNACIONAL DE CINEMA & TERRITÓRIO

Uma visão panorâmica

Carlos VALENTE

Presidente da Comissão Organizadora

cvalente@uma.pt

A quarta edição deste Encontro decorreu, à semelhança das anteriores, no auditório do Colégio dos Jesuítas, no Funchal, durante os dias 3 e 4 de novembro. Tendo a organização assumido que, nesta edição, o Encontro não teria um tema específico, mas assentaria na relação basilar entre cinema e território, foi possível trazer ao Funchal uma diversidade de conferências e comunicações de alto nível académico e científico, assim como dispor de momentos de debate profícuo entre os oradores e o público presente, formado por docentes, alunos e algum público externo à Universidade. Pelo número reduzido de oradores (sete) e pelo tempo disponível, o Encontro revelou-se, mais uma vez, um lugar de proximidade e diálogo, não só académico-científico como interpessoal, o que é sempre uma mais-valia neste tipo de atividades.

1 - As conferências

Foram quatro os palestrantes convidados, todos eles ligados ao cinema pela via quer da produção quer da realização, ou ainda dos estudos académicos neste campo. A Catedrática Galega Margarita Ledo Andión¹ foi a primeira conferencista que “inaugurou” o Encontro com a projeção do documentário *Apontamentos para um filme*, trabalho da sua autoria e que está na base da longa-metragem *A cicatriz branca*, de que falaremos mais adiante. A propósito do documentário, que mostra os depoimentos de algumas mulheres galegas que emigraram para a cidade de Buenos Aires, nos anos 50, Margarita L. Andión discorreu sobre a relação entre cinema e diáspora, sobre a condição feminina neste contexto e sobre a identidade cultural, aqui enfocada nas denominadas línguas minorizadas, aquelas que sofrem o domínio de outra, oficial, que as reprime, como aconteceu no caso específico da Espanha Franquista.

A propósito do *Novo Cinema Galego*, falado em galego, a conferencista deu-nos uma breve visão sobre os nomes e filmes mais representativos desta vaga, onde ela própria se insere. O debate permitiu aprofundar um pouco mais acerca da realidade histórica da migração galega na América Latina, assim como esclarecer aspetos de produção e realização ligados ao documentário apresentado.

¹ Catedrática de Comunicação Audiovisual da Universidade de Santiago de Compostela, USC, e diretora do Grupo “Estudos Audiovisuais” desta Universidade. Cineasta e escritora, foi “Premio Nacional da Cultura Galega na modalidade de cinema e audiovisual, 2008” e membro da Real Academia Galega, RAG.



Fig. 1 - Apontamentos para um filme, 2019-12
Fotograma



Fig. 2 - A cicatriz Branca (2013) Cartaz.

No mesmo dia, em horário noturno, foi possível assistir ao filme de ficção antes mencionado, produzido e dirigido por Margarita L. Andi3n, e no qual esta tamb3m interv3m enquanto atriz secund3ria. *A cicatriz branca* enquadra-se num cinema do tempo longo, dos sil3ncios e dos planos fixos, para reconstituir n3o s3 os ambientes f3sicos como a espessa camada psicol3gica das personagens. Este filme, de claro recorte contempor3neo na sua est3tica, proporcionou um longo e interessante debate com a realizadora, acerca dos temas da solid3o, da discrimina3o, da tens3o ps3quica e social de uma 3poca e, ainda, da mulher e da sua sexualidade reprimida, entre outros.

A segunda confer3ncia foi proferida pela produtora e jornalista portuguesa Maria Jo3o Seixas² e partiu do coment3rio ao filme *A Cor da Rom3*, de Serguei Paradjanov, para explorar as rela33es entre a poesia, enquanto lugar do sagrado, e o mundo do cinema enquanto manifesta3o ic3nica. Foram visionados alguns excertos do filme, correspondentes ao in3cio e ao final da narrativa, ficando bem vis3vel a atmosfera “m3gica” e metaf3rica que Paradjanov constr3i neste filme.



Figs. 3 e 4 - *A cor da Romã* (1968), fotogramas

O debate revelou-se entusi3stico, colocando-se a t3nica na poesia como “casa” do ser. A conferencista refor3ou o aspeto pedag3gico da sua confer3ncia, lembrando a necessidade do ato po3tico como “salva3o”, n3o num sentido restritamente religioso, mas no sentido espiritual do humano, em toda a sua plenitude. Aqui, o cinema desbravou o territ3rio da *poiesis*, o lugar onde as imagens encontram as palavras do poeta (Sayat Nova) evocado neste filme, enquanto funda3o de sentido. Foi ainda poss3vel, por iniciativa da conferencista, assistirmos a um momento de leitura de um poema (*Vou-me embora para Pas3rgada*, de Manuel Bandeira) por parte de uma aluna, presente no audit3rio.

² Maria Jo3o Seixas licenciou-se em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Da sua j3 longa carreira destaca-se a sua estreita liga3o ao audiovisual, para o qual contribuiu com in3meros programas e filmes. Foi distinguida em 2012 com o t3tulo de Comendadora da Ordem de Cristo e recebeu em 2014 as ins3gnias francesas de “Chevalier de l’Ordre des Arts et des Lettres”.

No dia seguinte, o artista visual e realizador Fernando Baños-Fidalgo³ discursou sobre a ignóbil relação do cinema com as ideologias totalitaristas e repressoras, neste caso concreto focando-se no infame documentário nazi sobre *Theresienstadt*, campo de concentração nazi. Este filme, entendido como um “macabro” documento sobre a encenação cinematográfica levada a cabo pelo regime, tem como protagonistas os habitantes do campo os quais, nas palavras do próprio conferencista « [...] *aparecían bendecidos ante la cámara por la misma mano que les daría muerte poco tiempo después.* ».

O realizador apresentou três dos seus trabalhos, sendo o primeiro uma aproximação ao referido documentário e o segundo um vídeo, *Inmate's March* (2009), que documenta o percurso de três quilómetros que foi feito pelo próprio artista, numa “performance” que reproduz a caminhada feita, na época da ocupação nazi, pelos deportados judeus, da estação de comboio até ao campo de Terezín. A banda sonora deste vídeo é composta pelo relato de uma sobrevivente, atualmente residente nos EU, que recorda, a partir das imagens, o passado que ela viveu naquele “território”. O terceiro ensaio em vídeo, também de 2009, e denominado *Mira el árbol*, constrói uma narrativa de pós-memória, a propósito de uma fotografia do local onde marcharam os judeus detidos pelos nazis. Esta fotografia, descontextualizada e (re)contextualizada procura ser, nas palavras do autor, uma « [...] *outra historia da História.* ».



Fig. 5 - *Inmate's March* (2009), fotograma



Fig. 6 - *Mira el árbol* (2009), fotograma.

Após a apresentação e visionamento, o debate permitiu levantar a questão da ligação afetiva, política e estética da geração atual com realidades históricas traumáticas, tão polémicas e marcantes como esta. Na discussão abordou-se também, e por isso, a memória coletiva e lugar da ética, assim como a memória individual e a liberdade artística no que diz respeito ao uso dos arquivos visuais do passado.

Continuando nesta linha artística e experimental, a cineasta inglesa Alia Syed⁴ trouxe até nós quatro curtas-metragens da sua autoria, com forte incidência numa estética herdeira, de algum modo, do cinema estrutural. A artista falou sobre cada filme de modo a clarificar as suas intenções e processos, assim como para apresentar o quadro conceptual e linguístico que informa a sua obra. Foram visionados os seguintes filmes: *Fatima's Letter* (1992), filme no qual uma voz feminina nos fala em língua urdu, a medida que se sucedem imagens do underground londrino; *Points of Departure* (2014), composto por

³ É professor na Escola Universitária TAI (Transformig Arts Institute, centro adstrito à Universidade Juan Carlos I, Madrid), artista plástico e cineasta. Doutor em Belas Artes (UCM, 2013) e Master em Arte, Creación e Investigación (UCM, 2009).

⁴ Alia Syed é licenciada em Belas Artes na University of East London em 1987, com pós-graduação em Mixed Media na Slade School of Fine Art, 1992. Tem sido assistente e leitora convidada na reputada escola Central St. Martins e no Chelsea College of Art and Design, e neste momento é leitora na Southampton Solent University. Tem produzido artisticamente no campo do cinema experimental nos últimos 25 anos, na Inglaterra.

planos de arquivo da cidade da Glasgow onde se explora a relação presença-ausência através da voz-off; *Panopticon Letters Missive I* (2012), filme de plano-sequência que explora a paisagem, neste caso combinando imagens de nuvens com um plano do rio Tamisa, para abordar o conceito de “Panóptico” de J. Bentham, associado que está ao colonialismo e portanto ao poder político e cultural, e por fim *Priya* (2011), um ensaio visual claramente ancorado numa pesquisa estrutural onde a própria película é matéria plástica da narrativa.



Fig. 7 - *Fatima's Letters* (1992, fotograma)



Fig 8. - *Panopticon letters Missive I* (2012), fotograma

Os seus filmes, que partem de uma visão subjetiva acerca dos territórios que habita, deixaram aos espectadores a possibilidade de criar sentido a partir de pistas e/ou claras alusões a problemáticas tais como a diferença e choque cultural, a diáspora, a noção de lugar e de gênero. O debate que se seguiu versou as motivações e os conteúdos atrás referidos, e ainda foi possível abordar aspetos técnicos ligados ao cinema experimental, que despertaram curiosidade em alguns elementos do público.

2 - As comunicações

Foram três as comunicações apresentadas que assentaram em artigos submetidos e aceites para publicação por investigadores desta área⁵.

A doutoranda Mariana V. Copertino F. da Silva⁶ apresentou-nos uma cuidada e dinâmica análise panorâmica acerca do filme *Non ou a vã glória de mandar*, de Manoel de Oliveira. A sua reflexão deixou patente a estreita relação entre o cinema e o conceito de território, num sentido identitário de uma nação, neste caso Portugal, nas suas vertentes históricas, políticas e sociais. A investigadora mostrou fotogramas e excertos do filme focando o discurso na correspondência entre a linguagem idiossincrática do realizador e as questões ideológicas e identitárias presentes na narrativa fílmica, chamando a atenção sobretudo para a problemática do anti-herói e da derrota, como visão alternativa a uma história oficial de tendência apologista e vitoriosa. O debate incidiu essencialmente na obra de Manoel de Oliveira, na sua estética e nos valores históricos, culturais e identitários que a caracterizam.

Por sua vez, o realizador e docente Pau Pascual Galbis⁷ desenvolveu a sua comunicação em torno ao filme *Onibaba* (1964) de Kaneto Shindo, mostrando a relação

⁵ Artigos publicados no n.º 2 da revista online *Cinema & Território*.

⁶ Doutoranda pela UNESP FCL/Ar, bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian e membro efetiva do Grupo de Pesquisa em Dramaturgia e Cinema, da Unesp.

⁷ Professor Auxiliar na Universidade da Madeira e investigador no Grupo de “Estudios sobre Arte y Cultura: Pensamiento Contemporáneo - Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas” (México).

do cinema deste autor, e em especial este filme, com a cultura e história japonesa, destacando a tradição do teatro Noh. Foram abordadas as linhas estéticas presentes em *Onibaba*, com abundante exemplificação audiovisual, focando nomeadamente o carácter expressionista, fantástico e negro quer da narrativa quer da *mise-en-scène* deste filme. O investigador salientou a estreita e fundamental relação desta geração de cineastas com o contexto da segunda-guerra mundial, nomeadamente os ataques nucleares a Hiroxima e Nagasaki, que neste filme estão presentes de modo simbólico.

Por fim, o investigador **Paulo Cunha**⁸ trouxe uma interessante (re)visão do papel do cinema na Guiné-Bissau, no período pós-revolucionário. Figura central desta revolução política e cultural, foi Amílcar Cabral, o líder do PAIGC (“nação africana forjada na luta”), que o palestrante apresentou em pormenor destacando o processo “utópico” de construção de uma identidade nacional privilegiando o cinema como “arma” cultural. Foi possível, nesta comunicação, introduzir o momento histórico no qual um grupo de jovens realizadores guineenses vão ao encontro, em Cuba, do *Nuevo Cine latino-americano*, participando assim no *Terceiro Cinema*, momento-chave do emergente cinema do “terceiro” mundo época. O debate focou essencialmente as questões sociopolíticas que se levantam hoje, numa análise comparativa do passado com a atual situação cultural da Guiné-Bissau.

3 - Outras atividades

Para além das conferências, comunicações e debates, houve tempo para uma breve apresentação do segundo número da revista científica *Cinema & Território*, dirigida pela Professora Doutora Christine Escallier, e associada ao Encontro. Por outro lado, a produtora Nohelia Rodrigues, responsável pelo *Madeira Fantastic Film Fest*, anunciou a segunda edição a realizar-se em março de 2018, numa parceria com o *Clube Universitário de Cinema* da UMa.



Figs. 9 e 10 - Sessão de encerramento no Colégio dos Jesuítas, Funchal, Universidade da Madeira

Após a sessão de encerramento, onde a comissão organizadora fez uma síntese e procedeu aos agradecimentos finais, o Encontro inclui ainda uma atividade de degustação e música que proporcionou um ambiente de convívio descontraído a todos os participantes deste IV Encontro Internacional Cinema & Território.

⁸ Membro do grupo de trabalho Correntes Artísticas e Movimentos Intelectuais do CEIS20 - Centro de Estudos Interdisciplinares do Séc. XX da Universidade de Coimbra. Leciona na Universidade da Beira Interior e na Escola Superior de Tecnologia de Abrantes.